

Quem olha as áreas perdidas dos espaços esquecidos, no, figurar das formas e das cores, nos equilíbrios procurados, nas ondas de luz estruturadas entre limites configurados, na experiência lúdica de encontros furtivos entre complementares que se escoam em pinceladas firmes até atingir o fim de si próprias, encontra a pintura de Teresa Mendonça.

Pintora de memórias estruturadas entre atlânticas visualizações paisagísticas e o reticulado urbano das grandes metrópoles, o intimismo antigo dos espaços musicados onde as melodias se escoam e ecoam em telas de tons surdos onde uma ou outra estridência nos apela para o mundo onde a luz se encontra...

Em algumas telas encontramos-nos perante o intimismo dos antigos espaços musicados onde as melodias nos chamam para um mundo onde a luz se encontra. Ou encontramos-nos ainda nas sombras de uma casa, onde o fazer é o passar dos dias, na nostalgia precisa de uma infância longínqua...

Noutras telas, e, ainda num jogo plástico em que a forma é imposta pela incidência da cor, estaríamos perante a pintura de um eventual "fauve", ou, ainda, de um suposto "orfista".

Não há um cinetismo na presença da cor: há, sim, uma procura de equilíbrio dinâmico e estruturado através de formas intercircuitantes, até que o movimento se pára por si, em vectores propostos entre a tela e o espectador. Não há distanciamento na forma, não há distanciamento na cor. Nem "crises de repetitividade".

O "ser total" surge do afecto inter-cromático que se nos impõe como objecto procurado na sua intencionalidade de fazer parte do nosso universo de prazeres visuais, que encontraríamos fortuitamente num campo aberto de papoilas ou num mar de lemanjá. Estamos, assim, perante uma pintura que advém de um contacto permanente, afectivo e efectivo com a plasticidade e a memória das coisas e do mundo. Com o Homem e os seus Fazeres...